

*De Abreu Paxe*

## **Projecto poético Nkalu a maza**

### **1. Muna ulunga da brevíssima existência**

sinto em mim oposto ao medo  
- lá para dentro minha pedra (brevíssima existência) -,  
o viver silenciado  
como se desta vez a existência  
abrisse a alma que o guia muna ulunga  
a calma mas próxima função  
conduz-me anunciando a sedução  
a noite ganha razão  
como ferida a glória no duro labirinto  
muito perto do sofrer  
morre em mim oposto a amargura  
a doçura da vida espumas de luz lá para diante:  
o fracasso, a desonra. que importa a vitória  
talvez sobre os dias porque alguém me esmaga a cidade  
pó só pó sobre os ombros da morte o vazio  
efectivamente intervalo de noites a brevíssima,  
inacreditável existência (a pedra) já nada seduz

## 2. De tanta força brava

a seda de seus lábios jardins de tanto silêncio  
nos dias de hoje chega ao sol  
o mar de músculos rijos detalhes  
ondeada a enxada abria meus olhos em pastos menores  
às quatro da tarde meu quarto só dizia  
a certo tempo um beijo meus cinco anos  
vez ou outra meus olhos ainda descem o morro em força brava

## 3. Nkalu a maza [1]

interrogando um exército sou a fuga  
viva experiência típica acidental idade do deserto

outros pontos fugidios o afecto traduzia-se aí a unidade das imagens ao seu lado arredondados  
nova falta no afecto da indecisão a tarde avoluma-se a construção

ocorre palavras após palavra sobra palavras  
sinal exacto nkalu a maza fertilidade de esperas

#### 4. Kintwadi [2]

tocar o céu tambor de vertigens o peito kintwadi  
nem sequer sonho esta criança rasgada túnica  
lambe os braços cheios de corpos profundamente idênticos em sandálias o que canto é só  
lavrada margem sobre a pele é um mal desatar o nó salvo regressa agora do sono mais branca  
pena quem a fere ou o vento raparigas tua amada noite em margens altas a memória abando-  
nada casa seios: és palácio: estendidos já os vejo onda recuada em tudo  
exaltam posto sol salga o canto pesada pena  
em redor perfume real pele derramada ao meu lado.

#### 5. Talvez dobrado azul

não é verdade talvez me esqueça velhíssimo do cansaço  
debaixo do pé um sinal revés o cimo a boca  
só a boca a alcançar a porta morta nas luzes tristes destes lábios

## 6. Em sexo livre a língua

entre as trevas e a seiva da sintaxe abundam palavras  
inofensivas nada dizem à pátria por imitação os impérios  
renovam os aspectos os tempos os modos  
outro soldado emergia  
unia a habitação a fonética e a fonologia ao sol de casa  
pirâmides e intervalos o corpo cego texto  
regenera cidades ppor visitar falida interação  
as meninas árvores nocturnas com portas e janelas polares  
tudo treme sobre o papel a mesma travessia dispersa tudo

## 7. Nzaya

e de súbito longamente os pés ligeiros muna nzaya  
couro e madrugada a sandália ainda pequenina

dançavam assim pisavam se pudessem dormir estendidos no corpo da noite inteiros vêm de longe assim ficam esquecidos para a alegria pastores do monte não trazem ovelhas não trazem cabras descem na voz negra e prematura de novo a serpente entre sombras a membrana do vento sacode-se púrpura pois não os colhia outra vez agitados tanto sonho.

arde o desejo fosse além uma toalha a dar que basta  
dividido nem o mel sobretudo as cores misturadas



## 10. O teu pé na mão da boca

o teu pé simples gestos aonde te leva  
a tua mão volumosa cegueira o que segura  
a tua boca molha o que diz dos símbolos  
em presença funcional descobre que as camisas  
são objectos hospitalizados  
rumos e vidraça  
saem mais certamente do íliaco e orientam marinho trabalhar  
os astronautas como membros penetram-lhe o corpo  
transparente rosto descalçado nos logaritmos degraus  
as roupas marfim invisível na consciência longa  
dos olhos o instrumento do diálogo  
dáctica as substâncias islâmicas  
portes os corpos das sombras máquinas  
desérticas a armadura de teus olhos duras lembranças

## 11. Espaço plano das linhas

a superfície das mãos fala em trânsito estações  
à mesa luz ao voltar ao mar a lucidez cresceu no silêncio  
apenas a casa entre flores perdia  
a transparência dos gritos no horizonte a lucidez noites  
criando hinos feridos camas aves destinos e inacabadas  
todas as pátrias vidradas sílabas  
precedendo janelas dançam entre o funil e a torre  
baixíssima dos sismos as maiúsculas páginas da ressurreição

## 12. Em tua cor de ausência

Vejo-te pedra em tua continuada cor de ausência  
todas as altitudes da quarta lágrima latitudes  
circulam em si inventadas cidades amanhecendo  
sem poder acreditar nos volteios dos veículos desta sólida noite  
olhares de sua permanente manhã  
nas sombras da matéria desta construção movimentam-se outros  
corpos

---

**ABREU PAXE** (ANGOLA). É Mestre em Ensino de Literaturas em Língua Portuguesa, no Instituto Superior de Ciências da Educação, ISCED de Luanda da Universidade Agostinho Neto (UAN). Licenciou-se, na especialidade de Língua Portuguesa na mesma instituição, onde é docente, de Literatura Angolana, Introdução aos Estudos Literários e Teoria da Literatura. É Membro da União dos Escritores Angolanos (UEA), na qual é Secretário para as Relações Exteriores. Publicou os seguintes livros de poesia *A Chave no Repouso da Porta*, (INALD, 2003) que venceu o Prémio Literário António Jacinto e *O Vento Fede de Luz*, (UEA, 2007). No Brasil, colabora e foi publicado nas Revistas Dimensão (MG), Et Cetera (PR), Comunitá Italiana (RJ), nas Revistas Electrónicas Zunai e Cronopios (SP), na Antologia Ovi-Sungó, 13 poetas de Angola, Org. pelo Cláudio Daniel (SP), "Lumme, 2007" e na Revista Literária Roda – Arte e Cultura do Atlântico Negro (MG). Em Portugal na Antologia Os Rumos do Vento, (Câmara Municipal de Fundão, 2006). Foi membro da comissão organizadora e curador da primeira bienal internacional da poesia realizada em Angola.